

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO VAI À ESCOLA E PERGUNTA: AFINAL QUE É EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO?”

Rosana Silva de Mour, Thaís dos Santos Silva

Janaína Gorette Moreira de Bitencourt

Patrícia de Souza

Resumo: Este projeto de extensão intitulado *A filosofia da educação vai à escola e pergunta: afinal que é educação/formação?* vinculou-se à Universidade Federal de Santa Catarina através do Programa de Apoio Às Ações de Extensão/PROEXTENSÃO, no período de fevereiro de 2011 a fevereiro de 2012, com a participação de alunas regularmente matriculadas no Curso de Pedagogia desta Universidade (sendo duas bolsistas e uma voluntária). O Projeto teve por objetivo reunir através de laboratórios em filosofia da educação os territórios da educação básica e da educação universitária. A metodologia de trabalho supervisionado promoveu debates em escolas públicas de ensino médio, no município de Florianópolis, para pensar sentidos para a educação a partir do horizonte da filosofia da educação. Para isto, contamos com reuniões, encontros de leituras e planejamento da agenda da atuação nas escolas. No desenvolver do Projeto, além de discutirmos nas escolas questões de filosofia da educação orientadas por um referencial teórico previamente elegido, também avaliamos fragilidades e riquezas da relação entre a Universidade e o ensino básico. Nesse sentido, a atividade de extensão fortaleceu nossa formação acadêmica, bem como aproximou teoria e prática tendo em vista a realidade escolar e desmistificou a filosofia como uma disciplina escolar considerada extremamente difícil.

Palavras-Chave: Filosofia, educação, extensão.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto de extensão intitulado *A filosofia da educação vai à escola e pergunta: afinal que é educação/formação?* surgiu a partir das experiências das aulas na disciplina Filosofia da educação II, em 2010 quando nos perguntávamos sobre os limites e alcance da filosofia na formação humana e na formação de professores.

Theodor Adorno, em *Tabus acerca do magistério*, na primeira metade do século XX, já colocava o problema da apatia geral em torno da profissão. No texto Adorno constatava o desprestígio, e acima de tudo, a falta de entendimento por parte da sociedade - e até mesmo do próprio profissional, do que é ser professor, qual o seu papel e representação da figura do mestre: enfim, qual é o papel da educação na sociedade.

Segundo o autor, “A imagem do magistério como profissão de fome aparentemente é mais douradora” (ADORNO, 1995a, p. 98). Ainda nessa constituição da imagem do professor, esse autor nos diz: “o professor é um herdeiro do *scriba*, do escrivão. [...] o menosprezo de que é alvo tem raízes feudais e precisa ser fundamentado.” (id., p.101). E a apatia por parte de quem vê esse professor tem suas raízes longínquas.

O professor é o herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte de suas funções, o ódio ou a ambiguidade que caracterizava o ofício do monge é transferido para o professor. A ambivalência frente aos homens estudados é arcaica. (ADORNO, 1995a, p. 102)

O professor, que transita de um extremo a outro segundo visões estigmatizadas (por vezes o salvador de uma nação, por outras um ser incapaz de cuidar de si mesmo) vai se definindo de acordo com essas concepções.

Adorno, em *Tabus acerca do magistério*, já nos colocava essa apatia geral em torno da profissão, pensando todo o aspecto histórico-cultural e em como foi se consolidando ao longo do tempo o profissional professor. Adorno constata o desprestígio, e acima de tudo, a falta de entendimento por parte de uma sociedade e até mesmo do próprio profissional, do que é ser professor, qual o seu papel, qual o papel da educação e a representação da figura do mestre.

O professor, que transita de um extremo a outro segundo visões estigmatizadas (por vezes o salvador de uma nação, por outras um ser incapaz de cuidar de si mesmo), vai se definindo de acordo com essas concepções. Remetemo-nos a Adorno para poder entendermos teoricamente o que observamos em sala de aula. Um desprestígio com a disciplina de filosofia e com o lugar do professor.

Remetemo-nos a Adorno para entendermos teoricamente o que observamos em sala de aula. Percebemos certo desprestígio com a disciplina de filosofia e com o lugar do professor. Segundo ele, a educação tem como função primeira evitar a barbárie, referindo-se pontualmente à Segunda Guerra Mundial, já que vivenciou esse extremo da barbárie humana. À educação caberia então, evitar esses desastres onde seres da mesma espécie destroem a si mesmo. Para ele, esse é o ápice da barbárie e fatos como esses devem ser lembrados para não mais serem repetidos e a reflexão crítica na educação é o caminho para evitar toda essa catástrofe humana.

Então, nos perguntamos: A que ponto chegamos enquanto humanidade se não conseguimos conviver com a diferença do outro? Pensamos que falta um pouco do que propunha Kant (PAGNI; SILVA, 2007), do que é conviver em sociedade: uma civilidade elementar que possibilita, minimamente, a convivência entre os homens e falta muito do cultivo do espírito (*Kultur*). Se em um determinado tempo, a moral *kantiana* do dever ser racional para pensar a questão pública foi substituída por outros pensamentos, ao ter a experiência de estar na sala de aula esta questão se evidencia sobremaneira. E a barbárie como violência física e simbólica se instala na nossa sociedade e, mais precisamente, nas salas de aula.

Através de novas gerações, ou seja, especialmente da renovação e da educação que uma sociedade conseguirá, talvez, enfrentar a barbárie construindo novas formas de vida. Segundo Arendt,

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanecem tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos. (ARENDR, 1992, p. 234)

E quem vai se preocupar (e se ocupar efetivamente) desses problemas que estamos enfrentando na construção do homem como ser integral é, sobretudo, o professor. E a filosofia da educação tem a função de pensar este processo formativo. Às vezes com as inquietudes sobre o lugar que ocupamos na escola, na sociedade, o que esperamos dessa escola, da educação, a pergunta pelo que é formação foi o que nos motivou a ir à escola para falarmos desses problemas e ouvir dos alunos as suas considerações a cerca daquilo que iríamos apresentar-lhes.

Nesse sentido, o nosso objetivo inicial foi a de organizar grupos de estudos com alunos de graduação do Curso de Pedagogia para pensar como questões sobre a formação de professores na pedagogia no horizonte da filosofia da educação e tendo em vista o universo da escola para além do ensino superior. Ou seja, ampliando a ideia da formação humana.

2 METODOLOGIA

Este projeto de extensão teve duração de fevereiro de 2011 a fevereiro de 2012, com a participação de alunas regularmente matriculadas no Curso de Pedagogia. O Projeto teve por objetivo reunir através de laboratórios em filosofia da educação os territórios da educação básica e da educação universitária. A metodologia de trabalho supervisionado promoveu debates em escola pública de ensino fundamental para pensar sentidos para a educação a partir do horizonte da filosofia da educação. Para isto contamos com reuniões, encontros de leituras e planejamento da agenda da atuação na Escola. Ao final do Projeto, além de discutirmos na Escola questões de filosofia da educação orientadas por um referencial teórico da filosofia da educação, também avaliamos fragilidades e riquezas da relação entre a Universidade e o ensino fundamental.

Foram visitadas três escolas na região da grande Florianópolis, porém somente duas obtivemos espaço para o projeto. Nestas onde houve a possibilidade de intervenção do projeto trabalhamos com duas turmas em cada totalizando quatro aulas para cada turma.

A metodologia dos trabalhos em aula seria dada no formato de apresentação daqueles conteúdos organizados no suporte Power Point e, em seguida, procederíamos a

uma intervenção do tipo “oficina” a partir da leitura e debates dados na leitura de texto. Sendo assim, a provocação do diálogo foi base da experiência em aula.

Toda nossa expectativa girava em torno de um contato primeiro com esses alunos, para que pudéssemos dialogar com eles sobre esse material teórico. No entanto, ir para a sala de aula, falar da filosofia, e mais especificamente, de um campo que é a filosofia da educação, que pensa as relações e os problemas da educação por meio de uma “postura refletida” (FLICKINGER, 1998, p. 17) e que, no elenco destes problemas também se encontra a formação do professor.

Primeiramente, destacamos a importância das reuniões entre nós, alunas, e a professora coordenadora do Projeto, como modo de diluir nossas inseguranças e de fortalecer nossa abordagem teórica sobre o papel da filosofia e da formação na aula com os alunos da Escola. Foram significativas as leituras dos textos já trabalhados nas disciplinas de Filosofia da educação II e Teorias da educação, da área de Filosofia da educação, na segunda e terceira fase do curso de Pedagogia como os textos clássicos de Immanuel Kant, “Sobre a pedagogia”, de Friedrich Nietzsche, “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, de Theodor Adorno, “Educação após Auschwitz”, de John Dewey, “Democracia e educação”, assim como textos de Hannah Arendt, “A crise na educação”, e de Hans-Georg Flickinger, “11 Teses de filosofia da educação. Estas leituras na licenciatura em Pedagogia significaram não só nossa autoformação como também repercutiram na experiência da extensão universitária ampliando as possibilidades de diálogo com os alunos na Escola em torno da importância de uma *postura refletida* (Flickinger, 1998) deles diante da vida.

O texto escolhido para a oficina de interpretação foi o artigo de Renato Janine Ribeiro, “O absurdo e a maravilha”, no qual o autor apresenta ao leitor a capacidade de admirar-se e ter curiosidade como sendo elementos significativos para a atitude filosófica. Nosso primeiro contato com as turmas foi bastante produtivo, os alunos foram participativos. As turmas se mostraram inquietas, mas tivemos boa participação nos diálogos. Entregamos o texto da oficina de interpretação e solicitamos a leitura e a atividade para que fossem entregues em nosso segundo encontro. Durante as intervenções, o professor titular da disciplina de Filosofia fez algumas considerações sobre os tópicos tratados por nós. O que demonstrou articulação entre o conteúdo proposto por nós e o conteúdo trabalhado por ele. Em nosso segundo encontro com os alunos, apenas uma pequena parcela havia realizado a atividade de interpretação de texto. Diante desta situação abrimos espaço para que eles realizassem a atividade escrita

de interpretação em sala, para posteriormente discutirmos o texto em conjunto e ao final a entrega da atividade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO, ou dos efeitos da experiência

Considerando o teor qualitativo a partir do qual o projeto orientou-se, a própria ideia de ‘resultados’ se torna dissonante neste relato de experiência. Caberia mais uma reflexão acerca dos efeitos da experiência tendo em vista tratar-se a mesma de uma prática pedagógica e, como tal, encontrar-se marcada pelo horizonte das ciências humanas que têm uma complexidade difícil de definir-se em um momento único e imediato que um ‘resultado’ representaria. Os efeitos, ou aquilo que observamos dela e trazemos à análise, podem dar-se de modo imediato, mas também funcionam ao modo de ressonâncias na formação do aluno e que não são passíveis de uma medição, pois se incorporam no processo da vida. Como sabemos esta é uma característica predominante na pesquisa em ciências humanas, tal como coloca-se o próprio campo da educação.

Todavia pelo menos duas considerações podem ser ditas da experiência do projeto em questão. A primeira consideração refere-se à efetividade da práxis pedagógica experimentada pelas alunas. Tal efetividade foi dada no Projeto em questão, a partir da constituição orientada de um horizonte teórico que ajudasse a pensar questões de formação humana e educação, levando-se em conta os conteúdos programáticos e leituras realizadas anteriormente nas disciplinas obrigatórias do Curso de Pedagogia (as Filosofias da educação e teorias da educação), mencionadas na introdução. Chamadas a pensar o lugar do professor, refletiram também sobre suas formações no próprio curso, ou seja, pensaram a função da teoria na prática pedagógica e a própria complexidade do uso do conceito na filosofia da educação. A segunda consideração é a possível contribuição à formação humana e escolar dos alunos de ensino médio ativistas na constituição da aula de filosofia, pensando sobre suas vidas escolares nos seus limites e possibilidades. De alguma maneira percebemos que a experiência questionou os lugares de professor, do aluno e a própria escola na formação humana, levando-os a pensar o que e como se está desenvolvendo a educação em relação à formação escolar e humana. Nesse sentido, as alunas enfrentaram também a questão da ação ou da apatia na vida escolar.

Conforme já sinalizado, segundo Adorno (1995), função maior da educação se refere à formação de uma consciência que resista ao aniquilamento da vida. Deveríamos

nos ocupar de modo mais efetivo com as interdições impostas às múltiplas formas de vida humana, especialmente na cultura contemporânea. Pois existem formas de barbárie “silenciosa”, aquela que muitas vezes habita em nós, e faz com que não enxergamos o próximo e o respeitemos (MOURA, 2007).

Com a experiência de sala de aula na condição de professores, constatamos que alguns princípios básicos que Kant já mencionava, faltam hoje.

De fato, os conhecimentos dependem da educação e esta, por sua vez, depende daqueles. Por isso, a Educação não poderia dar um passo a frente a não ser pouco a pouco, e somente pode surgir um conceito de arte de educar na medida em que cada geração transmite seus conhecimentos e experiências à geração seguinte, a qual lhes acrescentam algo de seu e os transmite à geração que lhes segue. (KANT apud PAGNI, 1996, p. 20)

E a barbárie como violência física e simbólica se instala na nossa sociedade e, mais precisamente, nas salas de aula. E quem vai se preocupar (e se ocupar efetivamente) desses problemas que estamos enfrentando na construção do homem como ser integral é, sobremaneira, a filosofia da educação. Às voltas com as perguntas e inquietudes sobre o lugar que ocupamos na escola, na sociedade, o que esperamos dessa escola, da educação; *o que é formação?* foi o que nos motivamos a ir às escola para falarmos desses problemas e ouvir dos alunos as suas considerações a cerca daquilo que iríamos apresentar-lhes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras dos textos já trabalhados nas disciplinas da área de filosofia nas três primeiras fases do curso eram nossa base e motivação. Theodor Adorno, Hannah Arendt, John Dewey, Immanuel Kant, Friedrich W. Nietzsche, Hans-Georg Flickinger, entre outros autores estudados, e suas teorias, foram nosso ponto de partida para chegarmos ao nosso objetivo, levar aos alunos do terceiro ano do ensino médio as reflexões acerca da Filosofia e da Filosofia da Educação, assim como provocá-los a pensar o que estas áreas tão impregnadas de sentido na vida escolar têm de relação com a realidade vivida por eles nas escolas.

A cada reunião víamos nosso trabalho tomando forma e consistência. Delineamos a metodologia de abordagem, mesmo sem termos até o momento qualquer experiência, pois nenhuma disciplina cursada se referia ao método didático de atuação

em sala de aula, muito menos com o público alvo que delimitamos. Mesmo assim, a confiança e a segurança na capacidade de desenvolver bem a intervenção nas escolas com os temas, se fizeram presentes sempre. Outro aspecto que destacamos nesse trabalho se refere à escolha, e busca de contato com as escolas. A primeira escola (escola A) foi para nós mais dispendiosa e burocrática, com encontros com a direção e professores, levantamento de material didático da biblioteca, espaço físico e material multimídia da escola, e visitas para convite aos alunos, em suas respectivas turmas. Porém, nossos esforços foram em vão no sentido de realização do projeto, devido à greve estadual dos professores, que impossibilitou nossa atuação. Buscamos outras escolas, e as possibilidades da intervenção acontecer foram se confirmando. Ao passo que os arranjos estavam se firmando entre nós e as escolas aumentavam nossas expectativas. Nestes novos contatos, menos complexos e mais diretos, marcamos as duas intervenções e as realizamos tal como foram planejadas.

A diferença de contextos entre as duas escolas contempladas com nosso projeto enriqueceu nossa experiência. Na primeira, maior escola da América latina (com turmas de elevado número de alunos, provindos de variados bairros da grande Florianópolis, por se localizar na área central da cidade) aplicamos o projeto em duas turmas distintas, cada qual no seu horário de aula da disciplina em questão, filosofia. Nesta escola experimentamos a contradição de estigmas pré-estabelecidos, feitos por profissionais da mesma. A turma que, segundo os membros da escola, professor e orientador educacional, se esperavam menos participação e empenho em relação à atividade que propomos, se mostrou mais participativa, falante e interessada. Fato que nos fez pensar sobre o erro de fazer pré-conceitos, estigmatizando alunos por suas condutas em determinadas situações.

A segunda escola, localizada em um bairro do norte da Ilha, mais afastado do centro, e no período noturno, encontramos menos alunos nas turmas. O que nos fez reunir as duas turmas para uma única intervenção, utilizando 3h/aulas.. Neste caso, diferente da escola anterior, a “valorização” da disciplina era percebida facilmente, devido o relato dos alunos em relação à autoridade da professora. Que empenhava uma conduta mais séria, tanto em relação à disciplina como em sua atuação docente. Em ambos os casos a disciplina Filosofia, não era reconhecida pelos alunos na sua especificidade em si. A postura de “autoridade” da professora, assim trazida pelos alunos, fazia com que eles também se distanciassem da disciplina, compreendendo a mesma, como algo muito “difícil”.

A questão da dificuldade, muitas vezes trazida pelos alunos, que é inerente na maioria dos casos, na disciplina Filosofia, se deve pelo fato que, estar na educação, pensar educação, assim como afirma Flickinger (1998) requer de nós uma postura refletida. Temos que pensar sobre os problemas trazidos pela filosofia, e isso exige certo grau de abstração, e quando o professor não consegue conduzir a essa abstração, o aluno recua. Temos medo do desconhecido e logo nos fechamos para isso. Fato que facilmente verificamos no relato dos alunos, caracterizando a Filosofia como “difícil”, “distante”, “chato”. Se o professor não consegue mediar essas concepções dos alunos mostrando-lhes a face real da filosofia, não só como disciplina escolar, mas como ciência, essas concepções vão se atenuando. Por isso apontamos também um problema que está na formação desse professor, pois muitas vezes, ele também não pensa sobre a postura assumida em sala de aula, como ele mesmo concebe filosofia, e se isso não estiver bem claro para o professor, que é o mediador do processo ensino aprendizagem, ele apenas irá reforçar essa concepção de senso comum sobre filosofia.

No intuito de provocar um pouco os alunos sobre essas questões, observamos que em ambas as escolas, eles nos deram retorno ao que propomos, mostrando-se interessados pelo tema, e principalmente, pela forma que conduzimos todas as intervenções e atividades. Que se fez de forma dialogada com os alunos, priorizando a participação deles, e suscitando questionamentos baseados nas próprias experiências por eles vividas. Ficou visivelmente claro, a vontade/interesse deles em nosso retorno às escolas, para novos temas e possíveis atividades. Toda essa demonstração de aceitação e novos encontros nos fizeram sentir felizes e satisfeitas/realizadas com o trabalho produzido, além de termos cumprido com o propósito almejado, de provocar a reflexão sobre o que a filosofia e a filosofia da educação têm de relação com nossas vidas dentro e fora da escola. E desta forma quem sabe levá-los a ter de forma plena uma atitude filosófica em suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Apoio Às Ações de Extensão/PROEXTENSÃO-UFSC, às escolas participantes do Projeto e, em especial, aos alunos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. *Educação após Auschwitz*. In: Wolfgang Leo Maar (Trad.). **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 119 – 137.

_____. *Educação para quê?* In: Wolfgang Leo Maar (Trad.). **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 139-154.

_____. *Tabus acerca do magistério*. In: Wolfgang Leo Maar (Trad.). **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 97- 117.

ARENDT, H. *A crise na educação*. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 248-281.

FLICKINGER, H-G. *Para que filosofia da educação?* In: **Perspectiva**. Florianópolis, v. 16, n. 29, p. 15-22, jan./jun. 1998.

GHIRALDELLI Jr., P. **O que é Filosofia da Educação?** 3ª. edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2002,

KNELLER, G. F. **Introdução à Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

MOURA, R. **Sutis violências e o espelho midiático**. Uma abordagem crítica da cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

PAGNI, P. A.; SILVA, D. J. (Orgs.); BROCANELLI, C. ...[et al] **Introdução à Filosofia da Educação: temas contemporâneos e história**. São Paulo: Avercamp, 2007.

RIBEIRO, R. J. *O absurdo e a maravilha*. In: **Revista Filosofia**, ano IV, abril 2001. São Paulo: Editora Escola.